TIMOR-LESTE
CONSELHO NACIONAL DE RESISTÊNCIA NACIONAL
F A L I N T I L

TL6441

Para a
Delegação da FRETILIN
em serviço no Exterior
- Lisboa -

Assunto: AS CAUSAS DE UMA CRISE

A - ERROS ACUMULADOS

1. Depois de reflectir longamente se devia ou não mandar o que já escrevi, abordando as variadas 'questões fundamentais', expostas no Depoimento do camarada Ramos-Horta, decidi por não fazê-lo, na plena consciência de que não estou simplesmente à altura de me pronunciar, por eu próprio não possuir o necessário conhecimento da matéria, pelo que só iria contribuir para um arrastamento contra-producente de uma polémica... que ficou empolada em assunto no. 1 da nossa guerra.

Sempre me apercebi de que, desde o 1o. 'círculo íntimo e ínfimo' de Março de '81, os erros e as insuficiências, os embaraços e as imposições, por mim produzidos e reveladas, vinham merecendo a complacência de todos... pelo simples facto de que era um mal inevitável...

2. Li e reli o Depoimento e a Carta Aberta do camarada Ramos-Horta, li e reli a Carta, de 31 de Outubro, do companheiro Abílio Araújo e a sua entrevista a'O Liberal', de 9 de Dezembro, e

- aprendi a adquirir uma visão mais ampla da Luta;
- pude abarcar o processo da Unidade Nacional, a partir de 1975;
- consegui compreender os diversos factores que envolvem o problema de Timor-Leste;
- aprendi a situar verdadeiramente Timor-Leste no mundo e na área;
- tive a oportunidade de conhecer o papel de todos e de cada um na DFSE, apreciar objectivamente os esforços globais e sentir profundamente a importância da DFSE para a resistência do nosso povo.

3. Assumindo a total responsabilidade de todos os erros e embaraços, cometidos na "condução" da libertação da pátria,

a - reconheço, sem reservas, que ao fazer as minhas 'cambalhotas ideológicas', errei rotundamente ao pretender apontar no marxismo a base de todas as anteriores posturas políticas da FRETILIN, ousando com isso 'atacar a FRETILIN' (AAraújo) e, pior ainda, 'profanar as campas dos marxistas' (RHorta);

b - reconheço, com mágoa, que infundamentadamente dirigi críticas a DFSE, quando na eventualidade de algum dia poder acontecer tal coisa, eu deveria, como princípio, esperar que da DFSE me escrevessem se

Cópia

achassem necessário... para contribuir com algum ponto de vista, caso para isso fosse solicitado;

c - reconheço que intoleràvelmente me autorizei a impôr estruturas 'descabidas e mal pensadas ao exterior', onde todos não só se conhecem muito melhor entre si como são mais capazes de interpretar as necessidades no terreno... e, consequentemente, a minha indesculpável falta de respeito às 'dezenas de quadros e militantes da FRETILIN no exterior', assim como à Direcção da UDT;

d - reconheço que estùpidamente me auto-proclamei 'chefe da resistência... e árbitro', numa deplorável pretensão de implantar em Timor-Leste 'modelos da Direita ... (como) do Suharto, do Pinochet e de Ferdinand Marcos, etc', colocando camaradas apreensivamente temerosos quanto ao futuro.

4. A todos os companheiros da DFSE, membros do CCF, quadros, militantes e simpatizantes da FRETILIN no exterior,

PEÇO O VOSSO PERDÃO

pelo 'mau estar, confusão e desmoralização entre muitos dos nossos melhores companheiros' (RHorta) e pela 'confusão e perplexidade ...(que) dominam o espírito dos camaradas no exterior, tornando-os cépticos e apáticos' (AAraújo), situações que só as minhas imbecilidades políticas puderam produzir.

V I V A A G L O R I O S A D F S E !

B - SEGREDOS

1. Devo aclarar que os ditos "segredos" não são para aí alguma coisa que valha. Na pressa de vos mandar a mensagem - que seguiu imediatamente - no momento preciso, não apareceu outro vocábulo melhor. Lamento a deficiente utilização do termo.

Contudo, porque as 'situações de confusão, propícias para a desordem, o vazio do poder e o descontrole da situação', aí no exterior (AAraújo), provocadas pelo RER, me pesam profundamente - mais ainda do que a perda diária dos meus combatentes - e para que tal não venha a acontecer de novo, permitam-me que aborde a questão.

a - assim como o Depoimento do camarada Ramos-Horta é compreendido sob uns contornos, sem a Carta Aberta mas, com esta, o documento perde toda a força política que procurou imprimir em várias questões, eu devo dizer que eu sabia bem que eram totalmente descabidos os pretensos desafios, lançados aos dois partidos; o problema reside precisamente no facto de que eu estava plenamente consciente de que o repto lançado era simplesmente absurdo... mas havia necessidade de o fazer; claro, dentro das nossas curtas visões sobre o processo.

Devo reconhecer que me senti obrigado por circunstâncias (que não significam influências nem pressões), a proceder como procedi.

Eu devo, por outro lado, concordar que, hoje por hoje, podem estar sendo desvanecidos os receios que imperavam e, pelo facto de ser simplesmente desnecessário ou não ser tão necessário, eu não me veria forçado a fazer o que fiz. Todavia, desejo aproveitar para declarar, de novo, a todos os que porventura permaneçam apreensivos,

- que não partirá de mim um único gesto ou palavra para levar as FALINTIL a inverter a situação a favor da FRETILIN, depois da guerra;
- que, durante estes difíceis anos, aprendemos a compreender a guerra, os seus motivos e os seus efeitos e que, por isso mesmo, aprendemos sobretudo a amar a PAZ;
- que não rejeitei o marxismo por "questões tácticas de estratégia revolucionária", mas porque me apercebi de que o marxismo não seria a via do progresso para Timor Leste - aqui, devo pedir de novo desculpas aos companheiros da DFSE ... por estar implicitamente a falar mal de FRETILIN).

2. Para que não permaneçam as "interrohações sobre a evolução do (meu) pensamento político" (AAraújo), evolução que indicava para a adopção de um "modelo da Direita" (RHorta), não acho descabido transcrever aqui passagens das minhas cartas ao falecido Dr. Moisés do Amaral e ao companheiro AAraújo, em Março do ano transacto:

" Eu acredito, Sr. Dr., que o facto de eu deter o "mando" sobre o processo e sobre as forças políticas não é tomado, pela UDT, como um acto de descortesia política como que a afirmar que estejamos mais capazes que os dignos e legítimos representantes do nosso Povo sofredor. Todos quantos estamos no mato e a partir de mim mesmo, estamos largamente conscientes das nossas grandes limitações e, se chamamos para nós este DEVER, é pela simples razão de que devemos SERVIR a Luta naquilo que possamos fazer... durante a guerra." - ao Dr. Moisés do Amaral.

" Reafirmo o meu total respeito a vós todos, como dirigentes do nosso Povo, hoje e depois da guerra, e afirmarei a minha total submissão à Constituição, como cidadão da Pátria Maubere; porem continuarei até que se me extingam as forças, a apelar de vós todos MODERAÇAO nas intenções e OBJECTIVIDADE na acção!

... ... Os vossos valorosos guerrilheiros esquecem-se de si mesmos... para morrer pela Pátria e continuam morrendo sem poder matar todos os ocupantes... Eles não pedem nada para si, porque por mais insignificante que seja um pedido, no dia seguinte a morte acabaria por lhes negar. Não alimentam sonhos... só desejam que a Pátria se veja livre da ocupação estrangeira... uma Pátria independente que eles constroem, convosco, mas nao terão a felicidade de ver. E quando me perguntam quando é que a guerra acaba, só lhes posso responder, na dor da minha tristeza de Cmdt das FALINTIL, que talvez depois de estarmos todos exterminados. Tenho-lhes corrigido a ideia de que, se um companheiro tombou, é porque "nia destina to'o ona", pelo pensamento de que, se a vós cabe o dever de activar a Luta no exterior, a nós cabe o DEVER de morrer pela Luta (que engloba a Pátria e o Povo)... e eles assumem-no sem hesitação.

Nenhum de nós, aqui no mato, pretende qualquer coisa no fim da guerra." - ao companheiro AAraújo.

3. Reconsiderando, por recear sobretudo que o meu apressado pedido de reingresso na FRETILIN pode, uma vez mais, conspurcar o partido, abrindo precedentes nefastos ao oportunismo na vossa organização partidária, peço para não levarem em conta a emoção com que me dirigi a vós. Aliás, eu creio que as situações indesejáveis, provocadas por mim e reinantes aí no exterior, impedirão por si sós que os companheiros aceitem

Cópia

levianamente o meu pedido - e este facto é que me retira as inquietações.

C - OS NOSSOS PONTOS DE VISTA

1. Pessoalmente e como vosso companheiro de uma causa comum, quero manifestar o meu desgosto com a resignação do camarada Ramos-Horta, assim como com a carta do companheiro AAraújo. Na verdade, são cartas de 2 "inimigos" e, em nome das FALINTIL, não aceito nem a resignação de um nem a perda de confiança política por parte de outro.

Como Cmdt das FALINTIL - se isso vale alguma coisa para vos falar aos corações -, devo apelar para o bom-senso... mas se a vossa maturidade politica vos aconselhar a optardes pelo radicalismo de posições, eu fico sabendo que se esquecem propositadamente que os vossos irmãos guerrilheiros estão tombando todos os dias... sob a bandeira da FRETILIN, que ainda levamos para vos entregar... quando acabar a guerra.

Eu creio contudo, que os companheiros, em melhores condições capacitais que nós, estarão vendo a "grande crise da FRETILIN" (AAraujo) em termos de vencê-la para nos agigantarmos perante... o horizonte continuamente sombrio... desde há 14 anos!

2. O que segue são meros pontos de vista, indubitàvelmente deficientes e que merecerão a vossa correcção ou rejeição... mas é o que temos à mão para apresentar democràticamente:

a - além dos dois membros do CCF e outros quadros, eu, pessoalmente (embora já não me assista o direito de me pronunciar sobre a FRETILIN), estou de acordo com a proposta do camarada Ramos-Horta

- A Direcção da FRETILIN mantém-se no interior da Pátria, vigorando o CNRM e revigorando a gloriosa DFSE. A Direcção seria o órgão colectivo, do qual eu faria parte com os 2 membros do CCF no interior.

b - propomos a aquisição do consenso de que a presidência da FRETILIN será apenas objecto de tratamento no fim da guerra e em eleições, na 1a. Conferência do Partido a realizar-se.

c - pedimos, e temos a absoluta certeza de que os companheiros já terão melhores, para que assumam como objectivos para a vossa reunião:

- reverificação pessoal e da organização
- uniformização e consolidação do pensamento, em debates claros e profundos

3. De futuro, aceitaremos sem nenhuma mágoa que só venham a escrever para cá em 2015, mas nunca que se vejam obrigados a fazer por causa de crises aí no exterior. Permitam-nos a alegria de não morrermos tristes. Da minha parte, comprometo-me a NUNCA MAIS impôr nada a DFSE!

V I V A A G L O R I O S A D F S E !

A LUTA CONTINUA EM TODAS AS FRENTES!
PÁTRIA OU MORTE! RESISTIR É VENCER!

Montanha de Timor-Leste, 1 de Abril de 1990.

Kay Rala Xanana Gusmão

(A)